



A BOCA DO LIXO: REPRESENTAÇÕES DA IMPRENSA, COTIDIANO E ESCRITA DE SI

A BOCA DO LIXO: REPRESENTATIONS OF THE PRESS, DAILY LIFE AND WRITING OF THE SELF

Everton Behrmann Araújo*

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

 <https://orcid.org/0000-0002-4908-3615>
everton.ba13@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo analisa o processo de formação da Boca Lixo a partir da contraposição entre o relato autobiográfico de um de seus malandros e as construções discursivas da imprensa policial paulistana sobre o cotidiano do local. Para tal tarefa, utilizamos alguns conceitos da obra de Foucault (2013; 2014), heterotopia e escrita de si, perspectivando o relato de Hiroito de Moraes Joanides, malandro que viveu no local e que escreveu uma autobiografia rica em detalhes sobre a região, como outra forma de contar a história do local. Trata-se de propor uma versão a contrapelo sobre os acontecimentos e o cotidiano da Boca do Lixo.

PALAVRAS CHAVE: Boca do Lixo; discurso; marginais; heterotopia; escrita de si.

ABSTRACT: This article analyzes the formation process of *Boca Lixo*, based on the contrast between the autobiographical account of one of its rascals and the discursive constructions of the São Paulo police press about its everyday life. For this purpose, we will use some concepts from Foucault's work (2013; 2014), like heterotopia and self-writing, along with Benjamin's (1989) interpretation of the human types of the modern metropolis. It will put into perspective the account of Hiroito de Moraes Joanides — a rascal who lived in the place, and who wrote, in 1977, an autobiography rich in details about the region — as another way of telling its history. This is an against-the-grain version of the events and everyday life of *Boca do Lixo*.

KEYWORDS: Boca do Lixo; speech; marginal; heterotopia; self-writing.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professor Substituto da Universidade Federal da Bahia.

Este artigo analisa o processo de formação da Boca do Lixo a partir da leitura da autobiografia de um de seus personagens mais famosos, a saber, Hiroito de Moraes Joanides, malandro que ganhou notoriedade nas páginas da imprensa policial e que, além de desenvolver uma série de atividades ilícitas e criminosas, escreveu um relato autobiográfico sobre sua experiência, na qual descreve com detalhes a ambiência e a geografia do submundo paulistano entre as décadas de 1950 e 1960, bem como dialoga com as representações elaboradas pela reportagem policial sobre o cotidiano da Boca. Escrita enquanto Hiroito cumpria pena na Casa de Detenção do Estado, em 1977, sua autobiografia foi lançada no mesmo ano pela editora católica Edições Populares, em uma coleção rubricada por “Problemas Brasileiros” sob o título de “Boca do Lixo” (JOANIDES, 1977)¹, alcançando relativo sucesso editorial. A qualidade de seu relato foi reconhecida por inúmeros veículos de imprensa e por pesquisadores de criminologia, sendo o autor convidado a dar entrevistas em programas como o *Vox Populi*, da TV Cultura, e a participar de vários debates em universidades e jornais sobre o problema da criminalidade na cidade de São Paulo, a exemplo de uma mesa organizada por Samuel Wainer e Ramão Gomes Portão, cujo teor foi publicado no caderno *Folhetim* do jornal *Folha de São Paulo* ainda no ano do lançamento do livro de Hiroito, em 1977. Essa mesa foi composta por sociólogos reconhecidos como Sérgio Adorno (à época criminologista do Instituto Médico da USP), pelo renomado jurista Miguel Reale Junior, além de membros do judiciário e Ministério Público (Discussão da Violência, *Folhetim*, *Folha de São Paulo*, 11/12/1977).

De 1954 até o final da década de 1960, a Boca do Lixo se configura como um espaço heterogêneo dentro da capital paulista, com seus códigos morais e economia própria. Personagem de extrema importância nesse cenário, Hiroito de Moraes Joanides escreve uma memória quase etnográfica dada a riqueza de detalhes sobre o que se tornaria as imediações da região onde antes ficava a então tolerada zona do meretrício do bairro de Bom Retiro. Ele afirma que as ruas próximas à Estação da Luz se tornaram “senão uma cidade dentro da cidade, uma colônia numerosa e próspera” (JOANIDES, 2003, p. 102). O local passou a ter uma organização social e econômica própria, dotado de uma rede de serviços e estabelecimentos – de lojas a bares, além de restaurantes, cinemas, dentistas farmácias, barbearias e salões de beleza – que “atendiam e serviam quase que exclusivamente à classe dos

¹ A primeira edição de seu livro foi publicada no calor dos acontecimentos, quando a Boca ainda era o ponto de perambulação de malandros, prostitutas, boêmios e policiais: JOANIDES, 1977. No entanto, a edição que iremos utilizar como referência será a revisada pelo jornalista Cesar Alves e republicada 23 anos depois do primeiro lançamento, dessa vez pela Labortexto: JOANIDES, 2003.

desajustados sociais, existindo nada mais que em função destes; com seus usos, costumes, modas e valores subjetivos peculiares, endêmicos” (JOANIDES, 2003, p. 102).

Hiroito era um delinquente *sui generis*. Oriundo de família de classe média, era dotado de uma cultura literária e educação formal dificilmente encontrados entre seus pares. Leitor de Heidegger e de Baudelaire, que ele cita em diversas passagens de seu livro, outro fator que chama a atenção é a qualidade estética de sua escrita, bem como a desenvoltura analítica capaz de fazer corar qualquer sociólogo.

Em seu relato, podemos perceber a diversidade de personagens que atuavam no local e que, junto com Hiroito, ganhavam as páginas dos jornais por seus feitos delituosos: Quinzinho, Carlinhos Bang-bang, Osny e Nelson da 45. Esses eram alguns dos mais notáveis malandros da região que disputavam entre si o título de “Rei da Boca do Lixo”, vindo a compor o imaginário criminal da metrópole (JOANIDES, 2003). Do grupo das prostitutas e donas de prostíbulos destacam-se Zenaide (esposa de Hiroito), Verinha, Elza Baixinha, Ada (companheira de Quinzinho), dentre outras. Os valentes e as prostitutas eram os grupos mais importantes na distribuição econômica da Boca. Todas as outras atividades se davam, em certa medida, em torno desses dois segmentos. Outro segmento numeroso era o pessoal da reportagem policial, dentre eles Ramão Gomes Portão (*Notícias Populares*), Percival de Souza (*O Estado de São Paulo*) e Orlando Criscoulo (*Diário da Noite*). Hiroito destaca também os delegados que atuavam no local, sendo que alguns deles adquiriram fama nas páginas da reportagem policial por conta de sua ação na repressão às práticas licenciosas e criminosas: Dr. Deodato, conhecido como caça bandidos; Dr. José Carlos, vulgo Dr. Zebu, muito respeitado pelos valentes da Boca do Lixo; e o Dr. Wilson José Minervino (JOANIDES, 2003).

Embora fossem grupos com finalidades e funções antagônicas, o convívio entre eles não era de enfretamento em tempo integral. Numa passagem de seu texto, Hiroito relata que os restaurantes noturnos e as boates serviam como ponto de integração entre os mais diversos frequentadores e praticantes da Boca, com destaque para o restaurante Tabu, na Rua Vitória. Seus frequentadores eram prostitutas, marginais, homens da força pública e vários repórteres de polícia (JOANIDES, 2003, 104). Um trecho do livro de memórias *Estórias da Boca do Lixo*, do repórter Ramão Gomes Portão, faz uma descrição sobre essa ambientação: “Os homens falavam de política, do Estado Novo, de mulheres, nas confortáveis salas de estar, bebericando champanha, cerveja Cascatinha ‘casco escuro, por favor...’ ou conhaque Napoleão. Num ambiente fraterno que não se faltava com respeito” (PORTÃO, s/d)

Esse recorte temporal –1950-1960 – foi escolhido por conta de alguns fatores sobre a história da cidade de São Paulo e sobre sua região central. Nesse momento, a cidade passava

por uma explosão demográfica nunca antes observada, além de imponente crescimento industrial, econômico, aumento do perímetro urbano e necessidade de expansão de serviços públicos e privados. Ele marca também o período em que a já grande metrópole, maior cidade do país, se preparava para comemorar o IV Centenário de sua fundação. E, por causa da organização dos festejos, colocou-se em prática uma série de medidas e intervenções urbanísticas visando à limpeza e o embelezamento da capital paulista.

Em 1951 é criada uma comissão multidisciplinar com *status* de autarquia municipal, envolvendo arquitetos, urbanistas, empresários, artistas plásticos, políticos, socialites, entre outros. A comissão tinha a função de planejar e elaborar os festejos bem como difundir a imagem da cidade enquanto terra do progresso e de povo bandeirante, ou seja, a “locomotiva do país”, criando assim um clima ufanista e um relato monumental sobre a história e os símbolos da cidade.²

Dois anos depois da formação da citada comissão e a menos de um mês da grande festa, em 31 de dezembro de 1953, o então governador Lucas Garcez expede decreto que proibia definitivamente a Zona do Meretrício³, que era legalizada e ficava confinada nas ruas Itaboca e Aimorés, no bairro do Bom Retiro. Esse momento entre os preparativos para os festejos e a extinção da zona de meretrício marca um ponto de inflexão, pois a área do centro de São Paulo, onde se situava a Boca do Lixo, surge como refluxo dessa tentativa de limpar a prostituição da região para a festa de 400 anos da cidade. Porém, o fechamento da zona tolerada, ao invés de ter tido o resultado esperado – limpar do centro da cidade aquelas práticas consideradas sujas e que, entre outros fatores, comprometiam a imagem ufanista que tentava se criar sobre a cidade –, acabou por espalhar a prostituição e todas as práticas e atividades que atuavam em seu entorno por toda a região central, formando entre as avenidas São João e Rio Branco, e entre as ruas transversais a essas avenidas, um território onde se exerciam o *trottoir*, o punguismo, lenocínio, a boêmia e o jogo. Por isso, em pouco tempo, a imprensa policial começou a chamar o local de “Quadrilátero do Pecado” e depois de “Boca do Lixo”.

A Boca, demarcada geograficamente no centro da cidade, mas também culturalmente via representações diárias na imprensa policial descrevendo-a como uma topografia criminal,

² Lei 4.166, de 29 de dezembro de 1951. Diário Oficial do Município de São Paulo, 30/12/1951, p. 39. Sobre o IV Centenário e a simbologia mobilizada para tal comemoração, ver LOFEGO, 2004.

³ Nas pesquisas que fizemos ao Diário Oficial do Estado não encontramos o citado decreto. No entanto, numa documentação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, oriunda de uma comissão parlamentar criada para discutir o que fazer para combater os efeitos inesperados da extinção da Zona de Meretrício, pode-se conferir e checar o decreto e sua data de publicação conforme *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, Relatório, 19/01/1957, pp.1-3.

poder ser pensada a partir do conceito de “Heterotopia” cunhado pelo filósofo Michel Foucault em um belo e instigante texto sobre a constituição, separação e ordenamento dos espaços e a distribuição dos tipos de sociabilidades que compõe os processos de territorialização e desterritorialização do cotidiano urbano. De acordo com o teórico francês, nunca se vive em um espaço neutro: “não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel” (FOUCAULT, 2013, p.19). O cotidiano de qualquer cidadão e o espaço onde ele se desenrola são perpassados por diversos dispositivos de controle e poder; seu funcionamento normativo separa, divide, produz fronteiras, criando assim espaços sociais “dignos” em oposição a espaços “desprezíveis” (ROLNIK, 2003, p.14). Portanto, a metáfora mais adequada para pensar o espaço urbano é imaginá-lo não como uma folha em branco, e sim como um espaço “quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas” (FOUCAULT, 2013, p.19). Seu comentário vai se dirigindo para pensar um tipo de espaço que surge entre todos esses lugares – o bairro, a estação, cafés, cinemas, condomínios residenciais, parques – e que está automaticamente do outro lado, se colocando em oposição ao modelo utópico do espaço público, que são os territórios pensados para o bom funcionamento das normas, da legislação, da moral e costumes aceitos. A esse tipo de lugar, Foucault chama de *contraespaços* ou *heterotopias* (FOUCAULT, 2013, p. 19). A Boca do Lixo, enquanto território delimitado, esquadrinhado, surge em meio às comemorações do IV Centenário da Paulicéia e pode ser matizada como esse tipo de contraespaço.

Retomando a questão sobre as heterotopias, Foucault diz que sonha em elaborar uma ciência que tivesse por ocupação esses espaços heterogêneos, que por si são contestações radicais do espaço normativo das cidades, normatividade que se mostra enquanto uma utopia de cidade desejável. Essa ciência se dedicaria aos “espaços absolutamente outros”, às “heterotopias”. Para nomear esse novo saber que emergiria desses estudos, o francês cunha o nome de “heteropologia” (FOUCAULT, 2013, p.22).

Ao tomar a autobiografia de Hiroito como fonte, e conseqüentemente, o tomá-lo como nosso personagem principal para adentrar ao universo/cotidiano da Boca do Lixo, e assim, pensar a Boca enquanto uma *heterotopia* estabelecida no coração da metrópole bandeirante, onde se desenvolvia uma economia de costumes, afetos e sociabilidades, peculiar àquele espaço e que ofendiam e desafiavam a moral de boa parte da sociedade paulistana. Ou então, num exercício mais de imaginação e improvisação do que de precisão analítica, como o “cientista” que investiga os espaços outros e faz da heterotopia sua atividade cotidiana. Afinal, como já mencionado, sua escrita é rica em detalhes e análises sobre esse microcosmo

cravado no centro de São Paulo entre as décadas de 1950/1970, trançando um panorama, uma “fisiologia” sob a ótica do praticante/habitante da Boca, servindo de contraponto às representações oficiais e as da imprensa policial.

Em outro sentido, e utilizando de algumas formulações foucaultianas sobre a “escrita de si”, entendemos a autobiografia como uma “preocupação com o eu” (FOUCAULT, 2014). Dessa forma, arquivar a própria vida é contrapor à imagem social a imagem de si próprio. Segundo uma provocação feita por Phileppe Artières, o arquivamento da própria vida é simbolicamente preparar a própria defesa, juntar as peças e organizá-las para desconstruir a visão que os outros fazem de nós mesmos. Diz ele: “Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo” (ARTIÈRES, 2014, p.29). Essa prática autobiográfica, o livro de Hiroito, será perspectivada como forma de embate contra as representações e construções discursivas feitas pela imprensa e órgãos do governo a respeito das práticas da Boca do Lixo.

Em vários momentos, Hiroito deixa claro sua insatisfação e seu embate com a imprensa, que no decorrer do texto recebe diferentes nomes pejorativos: “imprensa amarela”, “grande máquina”, “máquina das comunicações”, para ficar com alguns exemplos. Assim, escreve que sua intenção, ao fazer esse arquivamento de sua própria vida, era defender-se dos diversos momentos em que fora desenhado na imprensa como monstro, o bandido frio e violento. Desde a “injusta” acusação de ter sido responsável pela morte do próprio pai, até os feitos de seu reinado na Boca do Lixo. Em suas próprias palavras,

Depois de estigmatizar-me com a pecha de parricida, posta à venda dias seguidos, matutina e vespertinamente em todos os jornaleiros do Estado, ao preço de alguns centavos, a Imprensa Amarela iria valer-se de mim através dos anos, sensacionalizando os meus feitos criminosos – frutos da revolta e do desespero a que ela própria me levava com a popularização da calúnia infamante. Em sucessivas manchetes escandalosas, tão a gosto do grande público, o nome do homem que fora ‘suspeito de haver matado o próprio pai’, e que descambara para a delinquência, em breve alcançaria uma notoriedade espantosa. Estava criado assim mais um rei do crime, mais um bandido para uso e gozo das multidões sem nome – sempre ávidas de violência e exageros (JOANIDES, 2003, p.27).

Em outro fragmento, se volta para a maneira maniqueísta com que a reportagem representa em seus relatos as pessoas que se movem nesse plano mais baixo da estrutura social. Hiroito parte para uma análise mais “sociológica”, deixando um pouco de lado o tom emotivo, denunciando que os jornais estigmatizavam determinados tipos urbanos a ponto de retirar-lhes qualquer traço de humanidade:

Já agora, posso compreender que sempre há de existir, em toda grande metrópole, indivíduos que serão colhidos pela Grande Máquina para, ao longo da complexidade das engrenagens sociais, irem sendo despersonalizados, coisificados, em nome do deus-notícia, até se tornarem de sujeito a objeto, de ser humano a simples legenda. Serão os úberes nos quais a Imprensa Amarela irá se saciar de sua sede de sensacionalismo e de escândalos (JOANIDES, 2003, p.28).

Após esses embates mais diretos com a crônica policial e essa retificação sobre não querer se justificar com a sociedade, no sentido de diminuir a gravidade de seus crimes, começa a ficar mais claro que ao escrever sua autobiografia, Hiroito estava preocupado em contar outra versão sobre os acontecimentos que marcaram a região da Boca do Lixo. E mais ainda, em mostrar esse cotidiano sob outro olhar, fora do prisma normatizador, disciplinar e acusatório em que ele foi narrado pela imprensa:

Espero poder mostrar, talvez para espanto de alguns, que os delinquentes, apesar de seus atos criminosos, da licenciosidade de suas condutas, dos seus desregramentos e vícios, são também, todos seres humanos — sujeitos portanto às mesmas dores e alegrias, tristezas e prazeres, entusiasmos e angústias que sentem e sofrem os mais puros de espírito (JOANIDES, 2003, p.32).

Mas o fato de ser um fora da lei, um malandro, foi o suficiente para que no momento mesmo do lançamento de sua autobiografia ter sido questionada a autenticidade de sua autoria. Parte da imprensa não acreditava que um malandro fosse capaz de desenvolver um relato complexo e perspicaz sobre um momento conturbado da história paulistana. A mesma imprensa que foi responsável por sua fama, ao noticiar através da reportagem policial os seus feitos, agora colocava em dúvida sua capacidade intelectual⁴. Podemos dizer que ao tentar deslegitimar a autoria do texto a imprensa reivindica para si o direito exclusivo para tratar de determinados assuntos, no caso, de construir a interpretação dos fatos acontecidos na Boca do Lixo, afinal, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1996, p. 9).

O relato de Hiroito surge então como uma perspectiva a partir dessa atitude de deixar falar o que não teve voz, o que foi silenciado, para que possamos perceber a sua potência, sua diferença, sua singularidade, dando voz à fala do *outro*, não à do jornal nem à do Estado, que parte da intenção de seus aparelhos – o direito, a psiquiatria, a teoria criminal –

⁴ Conforme relato do jornalista Orlando Criscoulo no prefácio para o livro de Hiroito. In: JOANIDES, 2003, p. 9.

para enquadrá-lo em suas grades conceituais, retirando toda a sua força, singularidade e domando a sua rebeldia.

Vale ressaltar que ao propor pensar nosso personagem enquanto um observador privilegiado do cotidiano marginal da cidade de São Paulo e ao se utilizar da imagem benjaminiana de “botânico do asfalto”, não pretendemos de maneira alguma tomar o olhar normativo de Hiroito sobre as sociabilidades por ele descritas como a verdade dos fatos. O que, no nosso entendimento, entraria em contradição com a proposta do trabalho. Entendemos, como já dito antes, que uma autobiografia é uma construção memorialista, a urdidura de seu enredo se aproxima muito do relato literário e, por isso, é uma representação de seu autor sobre a sua própria vida e a sociedade em que se via inserido.

A EXTINÇÃO DA ZONA E O SURGIMENTO DA BOCA

Hiroito, ao narrar como se deu sua aproximação enquanto frequentador daquela parte “maldita” e mal vista da cidade de São Paulo, remete aos tempos de sua adolescência, em 1953, quando era ainda um jovem estudante de 17 anos, pertencente à classe média da cidade, e que se dirigia ao *quadrilátero do pecado* em busca de realizar-se sexualmente nos braços de uma mulher da vida, liberando assim os desejos sexuais que desabrochava com toda potência no jovem estudante. Segundo ele, naqueles tempos, devido aos rígidos costumes morais em voga na cidade, e o peso com que essas regras incidiam sobre a sexualidade, principalmente a feminina, era praticamente impossível para um adolescente conseguir obter prazeres sexuais fora do padrão aceito, ou seja, sexo somente depois de estabelecido o matrimônio (JOANIDES, 2003, p.46). Para as “mulheres de família” de sua época, essa regra era quase impossível de ser quebrada. Qualquer movimento nesse sentido era punido de forma extremamente severa e poderia custar uma vida inteira de constrangimentos. Já os rapazes tinham como alternativa a frequência às casas de tolerância; por isso, o constante movimento de estudantes do sexo masculino nas tardes da zona de meretrício. Lembra ainda que essa zona tinha constante ação de fiscalização por parte da polícia e que as suas características físicas, compostas por altura e óculos de lentes grossas, passavam a impressão de que tinha idade suficiente para frequentar o lugar, ajudando assim a burlar o sistema de fiscalização. É o conclui sua narrativa sobre a aproximação do adolescente Hiroito desse universo paralelo à moral, aos costumes e ambientação convencional das cidades grandes de seu tempo, enfatizando as táticas e astúcias utilizadas para usufruir e interagir com esse espaço.

Na época, cursava o quarto ano ginasial, no Ginásio Machado de Assis, no bairro de Pinheiros, e um colega de estudos, mais velho e traquejado que eu, foi quem me conduziu àquele primeiro encontro com uma profissional do amor. E gostei da coisa. Quero dizer, gostei muito. Tanto assim que, de então em diante, possuíse eu os necessários cinco cruzeiros e haveriam de ver-me, todo afobadinho, a desfilar pelas ruas Itaboca e Aimorés, diante daquelas fileiras de portas e janelas-vitrines onde um mar de mulheres, de todos os tipos, cores e tamanhos, se oferecia à macharia passante (JOANIDES, 2003, p.47).

A formação do “Quadrilátero do Pecado” se deu após a proibição da zona confinada do Bom Retiro: as prostitutas, que antes trabalhavam nas casas de tolerância – se expondo nas vitrines, nos balcões, nas pistas de dança ou nas mesas dos bares – migraram para as ruas das imediações dos Campos Elíseos⁵, atraindo, assim, uma série que outras atividades ilícitas que se estabeleceram em torno da prostituição.

Esse tipo de prostituição, entabulada a céu aberto, era inédito naquelas imediações. Em seu relato, Hiroito faz uma breve análise sobre essa mudança de característica na atividade das chamadas “mundanas”. Segundo ele, o tipo de prostituição entabulada a céu aberto com o nome importado da França, *trottoir*, trazia algumas vantagens para as prostitutas, como por exemplo, ter a liberdade de dizer não a um cliente, fato que no modelo confinado era impossível devido à vigilância constante dos donos das casas e dos “leões de chácara”⁶.

Não era só em relação às prostitutas que o *trottoir* apresentava algumas vantagens. O fato da atividade ter passado a ser exercida a céu aberto não excluiu uma figura muito familiar ao meio do mercado do sexo. Trata-se do cafetão ou rufião, que vive do dinheiro ganho por essas mulheres. Para esses, o novo formato também apresentava vantagens. Por mais que continuassem a ser reprimidas pela “polícia de costumes”, essas mulheres não podiam ser enquadradas pelo código penal pelo simples fato de estarem a comercializar o corpo na rua. Isso não era considerado crime. Portanto, poderiam até sofrer algum tipo de “batida” policial, no sentido de impor certo constrangimento, mas não podiam ser enquadradas na lei. Nem

⁵ Ironicamente, como aponta Raquel Rolnik, o bairro nasce em 1879 pela iniciativa dos irmãos alemães Glete e Northman que compram a área, até então uma chácara, e abrem ruas e alamedas largas ao estilo da famosa avenida parisiense. Como podemos notar, as semelhanças não se resumem ao projeto arquitetônico. O nome do bairro paulistano é uma tradução direta do nome da avenida parisiense. Sobre isso, diz Rolnik: “um Champs-Élysées paulistano, que definiria o modelo de bairro aristocrático, exclusivamente residencial e de alta renda”. In: ROLNIK, 2009. p. 19.

⁶ Gíria utilizada por prostitutas, malandros e boêmios para se referir aos seguranças das boates e das casas de lenocínio. Claro que a vantagem do *trottoir* sobre a prostituição confinada à qual o relato de Hiroito se refere, resume-se apenas a essa possibilidade de escola do cliente, pois, uma vez na rua, a figura do leão de chácara é substituída pela do “rufião”/ “cafetão”, que exploraram o trabalho das prostitutas e que também não são nada dóceis, como podemos observar no conto de João Antônio, na voz do personagem Pirraça: “Pensando direitinho, elas sofriam ainda mais na mão dos cafetões. Porque eles viviam só do dinheiro delas e apertavam mais a prensa”. In: ANTÔNIO, 1989, p.40.

mesmo na famosa *Lei de Contravenções*⁷, cujo artigo 59 prevê prisão de até seis meses para quem em condições físicas plenas não desenvolva nenhuma atividade lícita para se sustentar. Ou seja, o formato confinado era perigoso, pois o rufianismo é considerado crime. Se a polícia chegasse a uma casa noturna, procurava logo pelo dono daquele lugar, que era quem responderia pelo crime de exploração de mulheres. Com o *trottoir*, era mais difícil para a polícia chegar até o cafetão.

Porém, o fechamento da zona – termo que se tornou comum para se referir às zonas de meretrício – não foi aceito pacificamente. Nos dias imediatos após o ato governamental aconteceram intensas atividades de resistência por parte dessas trabalhadoras. Hiroito descreve com sua escrita elegante e fluída como se deram essas táticas de resistência.

Nessa luta não muito nobre por causa menos ainda, ao expediente diurno de escândalo, seguia-se na calada da noite, a propaganda escrita das reivindicações prostibulares. Com o que, ao raiar do dia, pichados em caracteres disformes, eivados de erros ortográficos os mais absurdos, via-se nos muros do bairro o trabalho de propaganda levado a efeito na madrugada vadia. Eram divisas, *slogans*, axiomas e gozações de toda uma classe que se via destituída de seus direitos consuetudinários (JOANIDES, 2003, p.19).

Como podemos observar, por se tratar de uma escrita urdida a partir de um olhar masculino, o relato de Hiroito guarda alguns preconceitos e tende, em alguns momentos, a estigmatizar a atividade das prostitutas, como na primeira frase da citação acima, onde ele se refere à luta e causa dessas mulheres como “não muito nobre”, fazendo coro com a imprensa sensacionalista que ele tanto critica no desenrolar de sua escrita. Mas o fato interessante desse episódio é que seu relato traz alguns elementos pitorescos e uma detalhada descrição sobre o momento de inflexão entre o fechamento da zona do Bom Retiro e o surgimento do espaço que mais tarde viria a ser denominado como a Boca do Lixo. No texto ele traz algumas dessas pichações que as prostitutas fizeram como forma de protesto, algumas muito engraçadas e de uma criatividade, refinamento e ironia digna das pichações feita pelos estudantes franceses no famoso maio de 1968⁸, como essa que provavelmente se refere ao governador ou ao secretário de segurança da época: “Fulano, reabra a zona, sua mãe já voltou para casa” (JOANIDES, 2003, p.34).

O fato é que a viração das prostitutas apenas mudou de endereço e formato, e pode-se dizer, seria ingenuidade por parte das autoridades imaginar que o fechamento da zona iria

⁷ *Lei de Contravenções penais*. Decreto-lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941.

⁸ Em maio de 1968 as ruas de Paris foram tomadas por manifestações estudantis. Uma das formas de expressar as reivindicações do movimento era através de pichações nos muros das cidades. Esses escritos se caracterizavam pelo fato de serem criativos e irônicos.

por si só fazer com que aquelas mulheres fossem procurar uma colocação no mercado de trabalho formal. Mas, em se tratando do cenário da São Paulo pré-comemoração do IV Centenário, com o clima de ufanismo e moralismo que acometia as elites econômica e intelectual da cidade, nada era de se duvidar. Uma notícia do *Flam: o Jornal da Semana*, alguns dias após o fechamento da zona, aponta que os mentores do aparelho estatal acreditavam que aquela simples ação seria não só um ato de repressão à atividade da prostituição e às mulheres que dela sobreviviam, mas também uma forma de lhe conceder dignidade através da inclusão dessas mulheres ao mundo dos bons trabalhadores urbanos. Como podemos ler, o governador Lucas Garcez, numa atitude de puro altruísmo católico, solicitou que fossem doadas a cada uma daquelas mulheres uma máquina de costura para que pudessem trabalhar e conseguir o seu sustento de uma forma considerada digna e limpa. Sob o título “A reabilitação”, diz a notícia:

Quando da sua plataforma eleitoral, o Sr. Lucas Garcez incluiu entre as suas futuras ações governamentais o combate ao meretrício, o que certamente mereceu e ainda merece aplausos. Somente que o verbo estava errado. Ninguém combate o meretrício como combate a febre amarela ou o impaludismo, exterminando os veículos, nem cuidemos que haja nenhum DDT especial para filiar mulheres da vida.

Apesar de todas as boas intenções eleitorais, a prostituição é um problema cuja solução não pode ser entregue totalmente à polícia e seria perigoso que o simpático Governador Garcez quisesse, para cumprir sua promessa, copiar o velho Washington Luis, que pensava que a questão social fosse caso de polícia e como tal agia.

Mas fiel a sua plataforma, o Governo paulistano de vez em quando dava umas batidas no mulherio e na última delas fechou todos os prostíbulo da zona conflagrada. E como era pensamento, aliás altruísta, que devia reabilitar as decaídas, fornecia-lhes para a reabilitação uma máquina de costura (JORNAL DA SEMANA, 17 a 23/01/1954, p. 5).

O jornalista continua a explanação sobre os atos do governador, ironizando sua atitude: “não creio que o mercado paulistano suportasse tantas costureiras” (JORNAL DA SEMANA, 17 a 23/01/1954, p. 5). Aponta ainda que a brilhante ideia não partiu exclusivamente do gabinete do Governador, mas foi proposta por um membro da cúria católica, o Frei Benevenuto, pessoa de “bom gosto” e “defensora de ideias de vanguarda” – diz o colunista –, para, depois, continuar sua crítica, dizendo que chega a ser inacreditável que pessoas tão sábias e experientes como o frei e o Governador possam ter tido uma ideia tão descabida a ponto de não levar em consideração que a prostituição é algo tão antigo, que atravessa séculos, presente nas mais diferentes sociedades e que não seria fechando a zona que se iriam dar fim à tal atividade na cidade de São Paulo. E continua: “Não sendo um problema simples, não é simplismo de pegar-se uma mulher vivida e marcada e pensar que com uma

máquina de costura, certamente de mão, a sociedade ganhara um novo elo moral, uma nova abelha da colmeia, honrada” (JORNAL DA SEMANA, 17 a 23/01/1954, p. 5). E o jornalista, que assina essa coluna chamada de “Conversa da semana” com o nome de Marques Rebêlo, termina sua análise de forma ácida, ironizando com certo tom de crueldade a forma de pensar do Frei, chegando a sugerir ou deixando a entender que ele fosse procurar o que fazer: “Francamente, é pouco, principalmente é ridículo, como ridículo seria se nós entregássemos uma enxada a Frei Benevenuto e disséssemos: ande, vá se regenerar” (JORNAL DA SEMANA, 17 a 23/01/1954, p. 5).

Com o fracasso da ofensiva estatal e a transferência das atividades meretrícias para as ruas e imediações da região da Luz, não demorou a se formar nesse entorno toda a infraestrutura necessária para o pleno desenvolvimento da prostituição. Assim, rapidamente começou a aumentar o número de bares, restaurantes, salões de beleza e pequenos hotéis que serviam de base para tal atividade. Hiroito diz que “nos rastros de uma mulher da vida, encontra-se sempre a figura patética de um malandro” (JOANIDES, 2003, p. 36), descrevendo a prostituição como uma espécie de imã para outros tipos de atividades ilícitas, tais como o rufianismo, o jogo de azar, punguismo, tráfico e etc. Segundo ele, logo após o fechamento da zona e o estabelecimento do *trottoir* como alternativa à proibição, começou a “pulular na área a mais variada gama de criminosos e vadios” e não demorou muito para que a antes nobre região do centro passasse a ser parte importante na geografia do submundo paulistano. Em suas palavras,

Estava formada, estabelecida, fixada a nova sede do submundo – estranho heterogêneo e conturbado ninho, onde coabitam mariposas, serpentes e aves de rapina. Gerado pelo sêmen da injustiça social, após longo e feio parto, emergia, do ventre da cidade grande, o odiado e odioso filho: a Boca do Lixo, o Quadrilátero do Pecado (JOANIDES, 2003, p.36).

Embora fosse um crítico mordaz do que chamava de “jornalismo amarelo”, pode-se notar que o texto de Hiroito muitas vezes faz uso das mesmas operações linguísticas das quais se utilizava a imprensa policial para retratar o cotidiano da Boca do Lixo, como as metáforas “pejorativas” utilizadas para se referir a determinados grupos, como observamos na citação os termos “mariposas”, para se referir às prostitutas, e “serpentes e aves de rapina”, para se referir aos diversos tipos e nuances existentes na atividade da malandragem. Essa observação faz-se necessária, nesse momento, para esclarecer um aspecto sobre o uso de sua autobiografia como fonte de pesquisa. É importante salientar que o simples fato de uma narrativa autobiográfica partir de uma voz minoritária não a coloca imediatamente enquanto uma perspectiva emancipatória, libertária (DUQUE-ESTRADA, 2009, p.160). Hiroito, por mais

singular que possa ser sua presença naquele microcosmo marginal, era um homem de seu tempo e leitor assíduo dos próprios jornais que criticava. Por isso, incorpora em sua autobiografia alguns conceitos, vocabulário e pontos de vista da narrativa jornalista.

FREQUENTADORES, PRATICANTES E A DIVISÃO DO TRABALHO NA BOCA DO LIXO

Em pouco tempo, essas ruas começaram a receber uma gama de frequentadores nada ortodoxos que buscavam satisfazer seu apetite de luxúria. Isso acarretou em algumas mudanças radicais no cenário do bairro, dentre as quais podemos destacar o comércio, que antes era convencional e, no geral, composto por lojas de roupas masculinas, produtos eletrônicos, utilitários domésticos e outros. Para se adaptar à nova clientela, as lojas de roupas masculinas foram substituídas por lojas de artigos femininos; nas prateleiras frontais das farmácias, antes ocupadas exclusivamente com perfumes e produtos de beleza, passaram a dividir espaço com preservativos e lubrificantes (JOANIDES, 2003, p.51).

Após a configuração desse ambiente, diversas “famílias de bem” se mudaram do local, algumas com medo do convívio com os novos habitantes, outras por não resistirem às tentadoras propostas de locação de imóveis que, depois de desocupados, eram imediatamente transformados em pequenos hotéis usados para fins bastante lucrativos. Uma notícia do *Diário da Noite* nos oferece a dimensão e amplitude geográfica com que os hotéis e casas da região central foram sendo reocupados para a atividade da prostituição. No *lead* da reportagem intitulada “Recorde de prisões de mulher pela polícia de costumes” (DIÁRIO DA NOITE, 14-08-1963, p. 8), pode-se observar a amplitude com que o *trottoir* passou a ser exercido naquela região.

Mais de 157 mundanas detidas entre sábado e domingo últimos – Nenhuma medida legal pode ser tomada contra as debochadas que infestam as ruas centrais da cidade – Prisão correcional – Com dois ou três carros de presos, a Delegacia de Costumes poderia modificar o panorama das ruas da chamada ‘boca do lixo’ (DIÁRIO DA NOITE, 14-08-1963, p. 8).

A esses prédios, utilizados para consumir o ato após a conquista do cliente nas ruas, o jornal chama de “conventilhos” ou “antros”. Observa-se, lendo a reportagem, que não eram poucos os prédios e estavam bem espalhados pelo centro de São Paulo, exatamente no quarteirão em que a imprensa também se referia como o “Quadrilátero do Pecado”.

Por outro lado, o delegado Milton Martinha Lara determinou policiamento especial em várias ruas onde existe maior concentração de mundanas.

Foram sumariamente fechados pela polícia os conventilhos existentes nos prédios 451 e 453 da rua Vitória. O mesmo ocorreu com o antro que funcionava na rua dos Gusmões, 702, onde é mantido policiamento diuturno. Por falta de elementos humanos, a polícia não vem podendo fazer uma repressão mais rigorosa no submundo do crime. Mesmo assim, está sendo feito um policiamento rigoroso durante o dia nos seguintes endereços: rua de Santa Ifigênia Ns. 589, 580, 570 e 577; rua dos Gusmões 407, 441, 681, 685, 680. 695, 763 e 712; Alameda Gleite, 858; rua Vitronio Camilo, 40; Alameda Nothman, 1.031; Largo do Arouche, 217 e 325; rua Sebastião Pereira, 208; Avenida São João, 1.561 e 1.547; Rua Gen. Osório, 317, 263, 278 e 163, e rua dos Andradas, 470 (DIÁRIO DA NOITE, 14-08-1963, p. 8).

A migração da prostituição fez surgir um novo desenho das atividades econômicas da região. Voltemos agora para a tese de Hiroito Joanides, mencionada no início deste texto.

Já aqui se disse que no rastro de toda mulher da vida encontra-se sempre a figura patética de um malandro [...]. Assim, e com isso, ao número de marginais que de qualquer forma tinham os seus ilícitos meios de vida ligados à prostituição (rufiões, exploradores do lenocínio etc.), em breve veio juntar-se à leva de delinquentes, afetivamente ligados às damas do pecado, passando a pulular na área a mais variada de gama de criminosos e vadios (JOANIDES, 2003, p. 63).

No entanto, a historiadora Margareth Rago, em estudo sobre um período anterior, nota que a zona boêmia da cidade entre as décadas de 1890 e 1910 era composta pelos bares e cafés que ficavam no centro da cidade, bem como as “casas de tolerâncias”, na época também conhecidas como “pensões alegres”. E era também em torno desses lugares que se articulavam os espaços de sociabilidades frequentados por uma diversidade de tipos, desde artistas e intelectuais até os chamados “homens de vida fácil”, dentre os quais, os mesmos tipos e grupos que viriam a compor a fauna da Boca: boêmios, malandros, rufiões, leões-de-chácara e suas diversas atividades (RAGO, 1985, p. 87).

A Boca do Lixo se constituía como um pequeno mundo dentro da cidade. Tinha uma economia própria e um código de ética e costumes peculiares. Seus habitantes desenvolviam ofícios bastante heterogêneos. Hiroito fez uma análise detalhada desses ofícios e dos grupos que atuavam no cotidiano da Boca. Ele os dividiu em três grandes grupos atuantes: o dos “vadios”, o dos “boêmios” e o que aparece com maior protagonismo em seu relato, o dos “malandros”⁹.

Os malandros eram os que viviam de atividades ilícitas; sua conduta era em geral criminosa, estigmatizada e punida por lei. Desenvolviavam as mais variadas atividades: batedores de carteira, traficantes, assaltantes, donos de bares e casas noturnas, prestadores de segurança

⁹ Importante salientar novamente o ponto de vista exclusivamente masculino com o qual Hiroito analisa a Boca do Lixo, a ponto de praticamente deixar de fora o papel exercido pelas prostitutas no cotidiano local.

privada para o comércio local e toda uma gama de práticas criminosas cujo objetivo é o lucro imediato. Era o grupo que mais interferia no cotidiano da Boca, garantia a “infraestrutura” necessária ao funcionamento das outras atividades, sem contar que eram eles (os malandros) os que mais preocupavam o poder público e sempre estavam presentes no noticiário policial dos jornais.

Essa primeira imagem do malandro, de certa forma, está muito relacionada com o Rio de Janeiro dos anos de 1920/30, com o samba e o carnaval. Embora essa construção possa ser observada em diversas outras regiões, inclusive na São Paulo de Adoniran Barbosa, a malandragem que se estabeleceu na Boca do Lixo no começo dos anos 1950 era de outro tipo. Hiroito e seus parceiros – ou inimigos – tinham uma relação mais organizada com uma série de negócios ilícitos. No tipo de malandragem observada na Boca do Lixo, a intenção era o lucro financeiro na maior escala possível.

Hiroito, como já sabemos, começou a frequentar a região da Boca do Lixo como um boêmio. Mas foi na condição de malandro que ele alcançou o título mantido por algum tempo (de 1957 até 1959), o de “Rei da Boca”. Esse grupo, o dos malandros, tinha outros personagens famosos que figuram não só na versão de Hiroito, como também nas páginas dos jornais paulistanos. Apresentaremos de maneira breve alguns deles e depois passaremos a descrever e analisar como se dava a distribuição de territórios e tarefas entre eles.

Começemos por Osny, um vigarista nato, com impressionante habilidade na arte de ludibriar; sua eficácia era proporcional à ousadia de seus golpes. Hiroito o compara ao mítico personagem que embalou o imaginário de adolescentes do sexo masculino de várias gerações, o famoso Bocage, “daquelas estórias com as filhas do rei, onde surgia com as mais inverossímeis, ridículas e maquiavélicas tramoias para conseguir aquilo das ditas princesas, era o personagem que mais me lembrava Osny” (JOANIDES, 2003, p.52).

Nelsinho da 45, de origem judaica, conhecido na Boca do Lixo como “o Judeu”, tinha a fama de mau humorado e violento. Seu apelido foi conseguido após ele ter invadido um bar lotado e disparado tiros com sua arma calibre 45 contra um oficial da Marinha que o havia agredido. No livro, Hiroito traz algumas características que eram comuns a esse grupo, como a necessidade e capacidade de violência, algo de suma importância para sobreviver e ser respeitado no ambiente.

A violência do Nelson da 45, no entanto, posso afirmá-lo, não era propriedade intrínseca à sua índole, mas algo que lhe fora reclamado, exigido como condição de sobrevivência no ambiente. [...] Em mim, era a palidez da minha figura – magro meio encurvado e míope, de falar e as maneiras finas – que me fazia, me tornava incapaz de inspirar no ambiente

um mínimo de respeito por parte de indivíduos já por natureza pouco afeitos a isso de respeitar o próximo. Havia que consegui-lo através da linguagem ali corrente, melhor entendida por todos: a violência (JOANIDES, 2003, p. 50).

Importante salientar que Hiroito não quer dizer, com isso, que a violência na Boca era generalizada e qualquer pessoa que transitava por lá estaria correndo risco de ser agredido. A linguagem da violência era usada entre os malandros, normalmente para impor respeito, cobrar alguma dívida, ou para punir algum malandro mais esperto que tenha “passado outro pra trás”. Os valentes também eram solicitados para prestar proteção aos estabelecimentos e a seus donos, sejam estabelecimentos comerciais, onde se desenvolviam atividades lícitas, como o comércio de roupas e eletrônicos, seja estabelecimentos da vida noturna, onde as atividades eram o jogo, a boêmia e a *strip-tease*, e que serviam de local de reunião, espécie de ponto de apoio ou escritório para os malandros locais, bem como para polícias, boêmios e repórteres (JOANIDES, 2003, p.55).

O grupo de malandros que começou a exercer essa função de “proteção” era formado por Quinzinho, Brandãozinho, Mauro Laschiavo e Mamamá. Segundo Hiroito, os integrantes desse grupo começaram como meros coadjuvantes no universo da Boca do Lixo, mas, por conta de sua capacidade de violência e por ter introduzido esse novo tipo de serviço, ganharam destaque na imprensa e passaram a ter determinada importância. Quinzinho, especialmente, chegou a disputar o posto de “rei da boca” com Hiroito, quando esse se encontrava preso. Mas sobre isso falaremos mais adiante.

Em relação às outras pessoas que conviviam no local, e que não estavam diretamente envolvidas com essas “práticas mundanas”, sejam os transeuntes ou funcionários de lojas e escritórios da redondeza, existia um código de conduta que estabelecia que os malandros não só as respeitassem como também deveriam proteger sua integridade física caso algum aspirante ao submundo resolvesse usar de violência ou roubar algum comerciante, cidadão ou pedestre na Boca. Assim, a convivência no local entre os diferentes grupos era até então pacífica, pois a malandragem ainda tinha certa conduta moral, um código de ética marginal. Sobre essa função de garantir a ordem e a logística para o bom funcionamento do local, Hiroito a descreve da seguinte forma:

A verdade é que o ‘apadrinhamento’ e o ‘protecionismo’ remunerado dos valentes, além de evitar um grande número de encrencas próprias àquela vida, a gente do meio, apresentavam ainda a vantagem de trazer para a esfera de alguns poucos as encrencas que surgissem. Não fosse eles a ‘boca’ seria uma ‘terra de ninguém’, permanentemente imersa num caos de conflitos, confusões e embates que em muito se assemelhariam a uma guerrilha civil (JOANIDES, 2003, p. 98).

O segundo grupo, o dos vadios, funcionava como uma espécie de assessoria da malandragem, embora fosse parte da vida cotidiana da Boca e dentro desse ambiente tiravam seu sustento. Suas ações não chegavam a ferir a lei, ou eram consideradas infrações leves. Eram aqueles que, para sobreviver, feriam as regras morais da sociedade, mas não se enquadravam na categoria de criminoso.

Como exemplo, temos o jogador profissional (de baralho, de sinuca, de dados); o chofer de praça que faz ponto no submundo, prestando-se a transportar malandros ou prostitutas que desejem sair à procura, para comprar um qualquer tóxico ou dar uma banda para queimar um fumo, ou ainda servindo a clientela em serviços que tais [...]. Outras vezes, fazem-se agenciadores de meretrizes para uma qualquer casa de lenocínio ou o inverso, ou de parceiros para jogo, intermediários ou apresentadores em transações de tóxicos e mercadorias roubadas, moços de recado, vendedores de informações, ou detetives particulares. Enfim, como serventuários, há que se louvar a diversidade de seus préstimos (JOANIDES, 2003, p.42).

Por fim, o grupo menos perseguido pelas autoridades oficiais, os que normalmente se aproximavam da Boca à procura de diversão e sexo, os boêmios. Os locais de diversão na Boca Do Lixo – bares, boates e restaurantes –, eram os lugares onde se encontravam a boêmia, e era do conforto do balcão ou da mesa que eles olhavam e escolhiam as mulheres com as quais iriam estabelecer a relação comercial de trocar um pouco de dinheiro por um pouco de prazer.

Não era raro que alguns desses, depois de virarem frequentadores assíduos do local, mantivessem relações estáveis com as meretrizes que frequentavam, ou, no linguajar do local, “estar de caso formado”. Joanides diz que os casos começavam quando o jovem frequentador encontrava sua preferida em momento que sua situação financeira não lhe permitia pagar pelo programa. Nessas ocasiões, era normal o seguinte tipo de resposta: “depois você me paga” ou “eu não quero dinheiro de você” (JOANIDES, 2003, p.42). Mas o que levava a prostituta a dispensar o pagamento? O fato de já ter por seu cliente certa afetividade ou mesmo certa carência em relação ao sonho de uma vida amorosa no padrão normal.

Aquela abstenção, aquela dispensa de pagamento adquiria, equivalia e propiciava à prostituta, entre feliz e encabulada, a alegria e a emoção de instantes de noivado [...]. Vinham então os jantares em restaurantes, sessões de cinema, passeios, bailes e, vez ou outra, dormia-se juntos. Pronto, estava formado um caso (JOANIDES, 2003, p.44).

Embora fosse parte do cenário multifacetado do submundo da Boca, é importante lembrar que os boêmios, normalmente, eram pessoas que tinham ocupações formais, de onde tiravam o dinheiro para seu sustento e diversão. Alguns eram estudantes, oriundos de famílias

abastadas, de onde provinha o dinheiro para a diversão. Importante deixar claro que estamos nos referindo aos que frequentavam o local apenas para as atividades lúdicas, ou seja, militares em folga, funcionários públicos, empresários, artistas, repórteres policiais e toda uma gama de trabalhadores. Mas é claro que a prática da boemia não era exclusividade desses grupos, pois os malandros e vadios sempre estavam a bebericar e apreciar as mulheres e diversões afins (JOANIDES, 2003, p. 61).

Existia também outro tipo de praticante da Boca que não se constituía como um grupo organizado – pois sua atuação de dava de forma individual –, mas que era repugnado por todos os grupos que atuavam na Boca, inclusive por comerciários e funcionários das lojas. Eles frequentavam os bares, as casas de jogos e os mais diversos ambientes, praticavam a boêmia, a jogatina e às vezes a própria malandragem. No entanto, tudo isso era uma tática para desenvolver a pior das atividades aos olhos de um malandro, pois o produto de seu trabalho era a “caguetagem”. Esse tipo ao qual nos referimos é o “dedo-duro”. Essa atividade foi descrita da seguinte forma em conto-reportagem de João Antônio publicado na revista *Realidade*:



Ele vive infiltrado nas rodas da malandragem, sempre espreitando, fingindo-se de malandro também. O seu trabalho é um só: cagüetar, endedar, engessar, falar, entregar, dar o serviço, atraiçoar aqueles de quem se faz companheiro. Contar à polícia tudo o que viu entre os malandros. É uma profissão suja e perigosa, que ele exerce para viver em paz com a lei e ter livre trânsito no mundo do crime. Um mundo onde não existe maior ofensa do que a palavra cagüeta. Assim, maldito por todos os lados, ele é detestado pelos policiais, que o usam mas não confiam nele, e pelos malandros, que têm para ele um código: ‘Quem fala morre’ (ANTÔNIO, 1968, p. 36).

Em outra parte da descrição de João Antônio, podemos perceber que a ojeriza a esse grupo considerado pernicioso não é exclusividade dos malandros e habitantes da Boca, pois até mesmo a polícia desconfiava do tipo. Outra coisa que chama a atenção é a estratégia da polícia quando efetua prisões oriundas de informações colhidas através desses infiltrados, pois, para despistar os malandros e proteger a “vida” de seu informante – ou, talvez, para manter a fonte de informação –, eles também o levam preso, conforme continuação do relato.

Para a polícia, é um mal necessário: Ele ajuda, mas quem entrega de um lado pode entregar do outro. Para a malandragem, é um perigo: ‘Entrega até a mãe.’ Chacal, alcagueta, cagüete, cachorrinho, delator, informante, reservado, federal, engessador, falador, boca-mole, boca de litro, dedo duro, são a mesma coisa. Ele não têm rosto. E até quando vai preso é uma armadilha para os bandidos continuarem acreditando nele. Por isso, quase toda vez que um grupo de malandros cai nas mãos da polícia, o homem que os entregou também está entre eles, apenas para despistar (ANTONIO, 1968, p.36).

Existia também outro tipo de informante, só que este possuía um *status* positivo entre os malandros e praticantes da Boca. Era uma espécie de “contrapartida” tática dos malandros aos informantes da polícia. Lembrando aqui de Michel De Certeau, a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo [...] e no espaço por ele controlado” (CERTEAU, 1998, p. 100). Esse tipo é o que hoje chamaríamos de “olheiro”. Estes ficavam nas esquinas ou em pontos altos da Boca, com uma ampla visão do local onde deveriam vigiar e, a qualquer sinal de aproximação da polícia, sua tarefa era correr e avisar ao chefe. Encontramos uma descrição desse tipo em uma reportagem do *Diário da Noite*. Depois de narrar uma batida policial a uma casa de lenocínio, ao descrever os presos na ação e os tipos de atividades que exerciam, o jornalista faz o relato com o subtítulo de “Dedo Duro”.

Por ocasião da ronda, foi detido o indivíduo Jair Passos, de quem os agentes dizem ser uma espécie de pombo-correio das meretrizes, rufiões e malandros. Segundo informações do investigador Helio Teixeira, Jair, ao notar a presença de policiais em alguma parte da “boca do lixo” se apressava em correr para avisar às mundanas e donos de hotéis, prevenindo-os contra uma possível investida por parte dos homens da lei (DIÁRIO DA NOITE, 01-05-1963, p. 9).

Ao concluir a leitura da autobiografia de Hiroito, podemos afirmar que houve um período, de 1953 a 1959, em que o convívio na Boca era seguro e pacífico. A polícia marcava presença no local, mas com a simples intenção de intimidar e só agia para reprimir atos que ferissem explicitamente à lei, como a violência e o roubo. Existia certa tolerância em relação ao funcionamento daquela economia heterogênea. Assim, prostitutas, malandros, boêmios e vadios exerciam seus ofícios com certa tranquilidade. Havia um código moral que impedia a prática de assalto aos comerciantes do local, e poucos eram os malandros que se atreviam a quebrá-lo.

Porém, parte da elite paulistana começou a se sentir extremamente incomodada com a existência desse “cancro”. A imprensa da época contribuiu muito para que esse incômodo se transformasse em cobrança. Os jornais, a partir de 1959, intensificaram uma campanha que pedia o fim da Boca do Lixo. A historiadora Márcia Regina Ciscati diz que essas reportagens colocavam o corpo policial em uma situação incômoda perante a opinião pública, pois gerava na população a sensação de impunidade (CISCATI, 2000, p. 52). A alta sociedade e a classe média começavam a desconfiar de cumplicidade da polícia em relação à Boca e, a partir disso, começaram a surgir inúmeras cobranças para que se desse fim aquele “antro de corrupção”.

A relação entre a polícia e a “fauna de viradores” que compunha a Boca do Lixo era relativamente tranquila, exceto os casos em que alguns extrapolavam os limites impostos. Por

exemplo, fazer algum tipo de ação mais escandalosa, como promover tiroteios em via pública, ou exagerar no uso da violência. Outra situação era quando a polícia precisava se justificar perante a imprensa e, por conta disso, efetuava alguma batida nas casas de lenocínio, nos bares ou nas ruas da Boca. Também ocorria de efetuar a prisão de algum malandro famoso, já que, no outro dia, certamente a ação estaria estampada na capa do caderno de reportagem policial. Fora isso, a relação transcorria de forma pacífica e ordeira, segundo Hiroito.

Até por volta de 1959, a Boca, do ponto de vista dos desajustados sociais, era um local relativamente seguro. A presença policial tinha escopo meramente intimidativo, e a ação, propriamente dita, só se manifestava em forma de repressão. Não havia ainda, pelo menos não de modo generalizado, a tal ação preventiva, ou seja, isso de se prender para evitar. Apenas nas sextas-feiras é que o 3º Distrito Policial saía às ruas da Boca, em caravanas com aqueles enormes carros de presos percebíveis a quilômetros de distância, para recolher aos xadrezes, até a segunda-feira, de preferência mulheres mais baderneiras, os tipos mais arruaceiros, visando com isso propiciar um sábado e domingo – dias em que o pedaço iria ferver em sua movimentação – mais pacíficos e ordeiros, com menos ocorrências policiais (JOANIDES, 2003, p. 141).

O aumento da cobrança por parte da imprensa e de setores da sociedade por uma solução que desse fim à Boca do Lixo acarretou em uma ação mais ostensiva da polícia. As rondas, que só aconteciam nas sextas-feiras, passaram a acontecer todos os dias. O policiamento no local foi reforçado e as batidas passaram a ser mais ostensivas. Com isso, qualquer pessoa que fosse considerada suspeita era presa, a qualquer hora ou dia da semana. “E todas as noites da Boca passaram a ser noites de sexta-feira... Não se tinha mais sossego” (JOANIDES, 2003, p.141).

Sobre essa nova conjuntura, no dia 25 de outubro de 1963, o *Diário da Noite* publica uma reportagem sobre uma das várias intervenções da polícia com intuito de extinguir a Boca do Lixo. Em determinado momento da reportagem “Polícia tentará limpar a chamada Boca do Lixo”, podemos observar a ordem de um secretário de segurança do Estado para que aumentasse a intensidade do patrulhamento na Boca.

Nestes próximos dias, segundo fontes da Secretaria da Segurança Pública, a polícia vai encetar severa campanha, visando a fazer uma limpeza geral da chamada ‘Boca do Lixo’, que agora, mais do que nunca, está se constituindo em verdadeiro paraíso para toda sorte de marginais, alguns perigosíssimos [...]. De acordo com os planos delineados pelo general Secretário de Segurança, elementos da Força Pública, da Guarda Civil, auxiliados pela Polícia do Exército e da Aeronáutica, exercerão um policiamento ininterrupto, durante 24 horas, impedindo que grupos se formem nas esquinas e evitando arruaças por parte das mulheres, marginais ou populares, inclusive dos próprios elementos fardados (JOANIDES, 2003, p. 142).

A imprensa continuava cobrando uma solução para por fim ao local de bandidismo e, na proporção que aumentava as cobranças, aumentava a violência das ações da polícia. A ordem do dia agora era atacar a enfermidade que atrapalha e envergonha a próspera elite paulista.

A historiadora Márcia Regina Ciscati diz que o livro de Hiroito faz um panorama geral da geografia e ambientação da malandragem na Boca do Lixo. Ao descrever seu cotidiano, mostra a condição humana dos delinquentes e prostitutas e todo o sistema de sociabilidade heterogênea próprio da malandragem e da boemia. Em seu texto, Hiroito aponta que, em dado momento, lembrando o que aconteceu em 1953 com a zona do Meretrício, a imprensa - provavelmente pressionada por setores da sociedade - desencadeou uma série de reportagens onde se pedia uma providência urgente para colocar fim naquelas cenas de vadiagem e pouca vergonha praticadas a céu aberto. Sobre isso, diz Ciscati: “Todavia, a mesma sociabilidade começou a preocupar as autoridades e motivaram ações ‘higienizadoras’, disciplinares e repressivas pelas instituições oficiais ou pelas vozes indignadas da imprensa” (CISCATI, 2000, p.83). Assim, o *Diário da Noite* estampa na reportagem do dia 20/07/1963 o seguinte título: “Ronda da moralidade combate o lenocínio”.



Seis mulheres detidas para averiguações, quatro hotéis vistoriados e dois responsáveis por alcouces envolvidos em sindicância, foi o resultado de duas horas de trabalho – das 15 às 17 – dos agentes que fazem a chamada ‘ronda da moralidade’ há dois dias organizada pelo delegado Silvío Pereira Machado, titular do setor de Lenocínio do DEIC. Ontem, os 25 investigadores que fazem essa ronda tiveram seu dia mais produtivo e no momento em que encerrávamos os trabalhos desta edição, continuavam nas ruas, visando a uma limpeza geral na cidade, seguindo determinações do titular do setor, que vem mantendo sucessivas reuniões com sr. Mário Perez Fernandes, diretor do Departamento Estadual de Investigações Criminais (DIÁRIO DA NOITE, 21/07/1963. p. 7).

Como se pode observar, nesse primeiro momento da notícia o jornalista foca a narrativa na intensidade do trabalho da polícia, na quantidade de pessoas presas e na quantidade de hotéis vistoriados. Depois, a ênfase retorna novamente para o trabalho árduo dos agentes da repressão e cita o número de investigadores envolvidos, além de deixar subentendido que o trabalho continuou noite adentro. Entra em cena novamente a velha querela de acabar com as atividades ilícitas nas ruas de São Paulo. Conforme escreve o jornalista, a ação foi desencadeada “visando a uma limpeza geral da cidade”.

Por ora, surge a seguinte questão: se a intenção era acabar com a malandragem da Boca do Lixo, por que a ação foi centrada apenas em desarmar pontos de prostituição? Já foi levantada aqui a ideia de que é em torno da prostituição que pululam outras atividades ilícitas e

muitos malandros viviam de caso com as prostitutas, seja um caso amoroso, ou mesmo uma simples relação de negócio entre o rufião e sua “mina”. Portanto, na segunda parte da reportagem, essa questão começa a ficar clara quando o leitor percebe que muitos dos malandros já estavam presos e que algumas de suas companheiras se encontravam naquele local. Nesse outro fragmento da mesma reportagem, podemos observar que

As primeiras detenções ocorreram à porta do alcouce mantido pela decaída apelidada de ‘Carioquinha’, à rua Washington Luiz, 386, onde se achavam cerca de dez mulheres. Logo após, nas mesmas condições, eram detidas mulheres que aliciavam ‘clientes’ no conventinho de Ada Martins, a ‘Laura’, situado na mesma rua, prédio nº 384. Ada é amasia de Joaquim Pereira da Costa, o Quinzinho, atualmente recolhido à Casa de Detenção como explorador do lenocínio e rufião (DIÁRIO DA NOITE, 21/07/1963, p. 7).

As duas mulheres mencionadas no texto tiveram ou tinham relação com algum malandro famoso. Carioquinha, por exemplo, era uma das amantes e pessoa de confiança de Hiroito, sendo que ele se encontrava na cadeia no período em que essa operação da polícia foi executada. Já Ada Martins, como o próprio texto salienta, era amante e morava junto com Quinzinho, que também se encontrava detido.

Ainda na mesma reportagem, em outro tópico do texto, cujo subtítulo é “Rufiões”, fica claro que a intenção e o alvo da polícia ao empreender a busca no local não era apenas as mulheres e o fechamento dos hotelecos de prostituição.

À noite, quando verificamos os resultados das primeiras investidas policiais, o delegado Sílvio Pereira Machado chamou a atenção de seus agentes quanto à ação dos rufiões na cidade, principalmente na “boca do lixo”. Na oportunidade, o delegado recomendou que seus comandados efetuem as detenções e encaminhem as custodiadas à sua presença, a fim de que sejam ouvidas em termos de declarações (DIÁRIO DA NOITE, 21/07/1963, p. 7).

A respeito de como a sociedade costuma enfrentar o problema da delinquência, Hiroito tem uma tese interessante. Ele defende que a nossa sociedade encara a criminalidade isolada de fatores éticos e sociais, colocando-a como um mal que nasce por si e atrapalha o bom funcionamento do restante do corpo social. Coloca-se a culpa em fatores individuais. Para ele, a criminalidade é consequência de um quadro de desigualdade social, de valores consumistas e, para acabar com ela, é necessário uma mudança profunda desses valores e da sociedade como um todo, não basta apenas atacar os delinquentes.

Para nós, ocidentais, temos a doença como sendo a causa do desequilíbrio das funções normais do organismo. Já para os seguidores da milenar medicina oriental, é o desequilíbrio das funções saudáveis que permite o

aparecimento, que dá causa às doenças. [...] Assim, enquanto nós para curarmos um organismo enfermo tratamos de combater, de atacar a doença, os velhos curandeiros orientais, num mesmo caso, buscariam fortalecer o corpo enfermo, visando harmonizar suas funções basilares em desequilíbrio, e nada mais. Com isso, afirmam, desaparece, termina a doença (JOANIDES, 2003, p.46).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção ao trazer para o texto essa tese de Hiroito não é tentar encontrar uma solução para a questão da delinquência e sim procurar problematizar sobre como o poder disciplinar atuou sobre as práticas consideradas fora do padrão, marginalizadas. Sobre a forma como o Estado atua contra a delinquência, Foucault diz que a sociedade se engana ao diagnosticar o insucesso dessa ação, afirmando que o Estado fracassa e acaba por fabricar delinquentes: “Eu diria, antes, ele é bem-sucedido, pois é isso que se lhe requer” (FOUCAULT, 2006, p. 57-58).

A intenção de fabricar delinquentes se torna estranha, se passarmos a perguntar qual o lucro que o Estado teria ao produzir delinquentes. Para Foucault, isso funciona como mecanismo para intimidar as práticas desviantes, greves e resistências: “Um lucro político: quanto mais delinquentes há, mais a população aceita os controles policiais e disciplinares” (FOUCAULT, 2006, p. 57-58). Em seu famoso trabalho sobre a história das prisões, o filósofo francês sintetiza essa função positiva que a produção da delinquência exerce para que a população aceite o controle do seu cotidiano pelos órgãos de repressão do Estado, mostrando também como a imprensa, e em especial os relatos sobre crimes, se articulam com esses aparelhos estatais para fazer com que se aceite e até se deseje o reforço da vigilância da polícia sobre a vida cotidiana das pessoas.

Sem delinquência não há polícia. Aceitamos entre nós gente de uniforme, armada [...], que nos pede documentos, que vem rondar nossas portas. Como isso seria aceitável se não houvesse delinquentes? Ou se não houvesse todos os dias, nos jornais, artigos onde contam quão numerosos e perigosos são os delinquentes? (FOUCAULT, 2006, p. 57-58)

Não à toa, os anos que se sucederam ao fim da Boca foram anos de forte repressão do aparelho de Estado; e as massas de trabalhadores, no geral, não só aceitavam como achavam necessária a intervenção. Assim, o lugar que Hiroito encara como espaço onde se desenvolvem sociabilidades passa a ser reconhecido pelo poder e pela imprensa como *antro*. Os jornais da época estampavam em suas capas “a vergonha da cidade”. Por volta de 1963, a ação do Estado e dos seus aparelhos conseguiu o que intencionava: por fim às atividades na

Boca do Lixo e extinguir a prática da malandragem, da prostituição e da boemia desregrada. Sobre esse momento, escreve Hiroito:

O Quadrilátero do Pecado, onde os malandros se feriam, e se matavam por quaisquer motivos e mesmo sem motivo algum, onde prostitutas em procissão exerciam a mais antiga e desgraçada das profissões, e onde estas e aqueles, podiam adquirir o tóxico que os tornariam menos apercebidos da miserabilidade contida em suas vidas, foi extinto territorialmente. Mas apenas territorialmente (JOANIDES, 2003, p. 159).

O espaço onde ficava a Boca foi territorialmente reconfigurado pela ações ao aparelho policial. Mas podemos retomar a pergunta de Hiroito: Se, com isso, acabou também a delinquência na cidade? Sua resposta é, obviamente, não, pois ela se espalhou, aumentou e agora está em todo seu perímetro.

A cidadela dos desajustados não resistira aos assédios das tropas moralistas e seus habitantes, em fuga, espalharam-se por toda a cidade, invadindo áreas de comércio, as zonas residenciais, misturando-se à *gente de bem* de todas as classes sociais. [...] A Boca do Lixo morrera? Não, pelo contrário, crescera assustadoramente. E seguiria crescendo. Hoje ela ocupa uma área de 1.493 km². Exatamente a superfície ocupada (*na época*) pela cidade que mais cresce no mundo (JOANIDES, 2003, p. 255, grifos nossos).

A autobiografia de Hiroito é um testemunho sobre um período, lugar e aspecto da história da cidade de São Paulo. Mas, antes, é também um ato de resistência e estilização da vida. No sentido de que é um trabalho de força que ele exerce sobre si, para contrapor a imagem criada pelos diagramas de saber-poder sobre uma realidade onde ele estava inserido, essa produção de sentido – no caso da boca, feita por parte da imprensa – se dá com o intuito de impor códigos morais e identidades (BENATTE, 2002, p.54), bem como de construir a memória sobre a Boca do Lixo a partir de um prisma moralizador e disciplinar. Ao narrar sua própria vida, fazendo uma análise alternativa desse momento, Hiroito busca elaborar um relato à margem do relato pela imprensa policial da época.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, João. **Leão de Chácara**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida.” **Revista de Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas(CPDOC\FGV) , v.11, n 21, p 9-34. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/240.pdf>, Acesso em jun 2014.

BENATTE, Antonio Paulo: **Dos jogos que especulam com o acaso**: contribuição à história dos “jogos de azar” no Brasil (1890-1950). Tese de Doutorado em História. UNICAMP-IFCH, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998, p.100.

CHAVES, Ernani. Sexualidade, corpo e desejo em Walter Benjamin. **Revista Cult**, São Paulo, p.56 - 57, 01 set. 2006. p. 54.

CISCATI, Márcia Regina. **Malandros da terra do trabalho**: malandragem e boemia na cidade de São Paulo (1930-1950). São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000

DUQUE-ESTRADA, Elyzabeth M. **Devires autobiográficos**: a atualidade da escrita de si. Rio de Janeiro: NAU – PUC-Rio, 2009.

FOUCAULT, Michel. A escrita de Si. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**, vol. V: ética, sexualidade e política. Org. Manoel Barros da Mota. Tra. Elisa Monteiro, Inês Autram Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. Gerir os ilegalismos. In: **Entrevistas**. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo utópico, As Heterotopias**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: a história da violência nas prisões. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Edições Populares, 1977.

JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Labortexto, 2003.

LOFEGO, Silvio Luiz. **IV centenário da cidade de São Paulo**: uma cidade entre o passado e o futuro. São Paulo: Annablume, 2004.

PORTÃO, Ramão Gomes. **Estórias da Boca do Lixo**. São Paulo: Expressão do Livro, s.d.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da Noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1980 – 1930). São Paulo: Paz e Terra, 1985.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2003.

ROLNIK, Raquel. **São Paulo**. 3º ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

JORNAIS E IMPRESSOS

Lei 4.166, de 29 de Dezembro de 1951. **Diário Oficial do Município de São Paulo**, 30/12/1951

A reabilitação, **Jornal da Semana**, 17 a 23/01/1954. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Hemeroteca.

Dedo Duro, **Diário da noite**, 01-05-1963, p.8. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Hemeroteca.

Ronda da moralidade combate o lenocínio, **Diário da Noite**, 21/07/1963. p.7. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Hemeroteca.

Recorde de prisões de mulher pela polícia de costumes, **Diário da Noite**, 14-08-1963, p. 8. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Hemeroteca.

Polícia tentará limpar a chamada Boca do Lixo, **Diário da Noite**, 25/10/1963. p. 7. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Hemeroteca.

ANTONIO. João, **Revista Realidade**, Ed. 23, julho de 1968, p.36. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Hemeroteca.

Discussão da Violência, Folhetim, **Folha de São Paulo**, 11/12/1977. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Hemeroteca.



RECEBIDO EM: 13/10/2021
PARECER DADO EM: 04/01/2022

www.revistafenix.pro.br